

Introdução

Chegar ao tema desta tese não foi tarefa fácil. Quando terminei o Mestrado em Educação por esta mesma universidade, a PUC-Rio, defendendo a dissertação “Criança e jornalismo: um estudo sobre as relações entre crianças e mídia impressa especializada infantil”, em 2007, para em seguida ingressar no curso de Doutorado naquele mesmo ano, senti necessidade de me aprofundar em questões levantadas ainda durante a pesquisa de campo que havia recém-realizado. A dissertação em questão teve como objetivo descrever e analisar modos de interação entre crianças e veículos jornalísticos a elas destinados: suas opiniões sobre o material impresso, suas formas de ler e sua maneira de fazer um jornalismo considerado de qualidade por elas próprias, destinado a outras crianças de mesma faixa etária. A pesquisa, de base qualitativa, contou com um material de análise obtido através de oficinas semanais, realizadas durante três meses em duas escolas de realidades distintas, uma pública e outra particular. O registro da fala das crianças sobre os materiais impressos oferecidos, a observação de suas práticas leitoras e o material jornalístico produzido por elas se mostraram um material bastante rico, que certamente não poderia se esgotar somente naquela pesquisa.

Assim, um dos meus objetivos, ao dar início aos meus estudos no programa de Doutorado, logo após a defesa da dissertação, era continuar investigando práticas de leitura, tendo novamente como principal referência teórica os estudos de Roger Chartier. Um dos dados que mais havia me chamado a atenção, durante a pesquisa do Mestrado, era o fato de a maioria das 59 crianças, com idades entre 10 e 12 anos, dizerem-se não-leitoras, sem que elas próprias percebessem ou se dessem conta de que liam com frequência, mas não a leitura considerada de qualidade por suas escolas. Nesse momento, meu desejo era novamente realizar oficinas e tentar, de alguma forma, descobrir o que e de que forma liam crianças ou adolescentes no que dizia respeito a essa leitura que a escola e outras instituições como a família insistiam em desqualificar, algo que fizeram de maneira tão eficiente que as próprias crianças também optavam por não considerá-la, de fato, uma leitura. Poderiam se enquadrar

nessa categoria os gibis, as revistas em geral, os jogos denominados RPGs¹ (Role-Playing Games), encartes, entre outros.

O tema, à princípio, muito me inquietava, mas alguns caminhos trilhados no Doutorado também me trouxeram inquietações em outros campos de estudo. Um deles está diretamente ligado ao Grupo de Pesquisa Infância, Formação e Cultura (INFOC), coordenado pelas professoras Sonia Kramer, Patrícia Corsino e Maria Fernanda Nunes, do qual passei a fazer parte em 2008. O grupo vem, desde 1999, realizando pesquisas voltadas para políticas públicas de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, formação de professores para esses segmentos, leitura/escrita e interações de crianças e adultos na cultura contemporânea.

Ao mesmo tempo, minha formação como jornalista especializada em Educação, atuando como editora-assistente de dois veículos voltados para crianças e jovens e responsável pelo conteúdo de Educação para o jornal O Globo, entre os anos de 2007 e 2010, e minha crescente aproximação com estudos e pesquisas relacionados aos usos do jornal e de outros meios de comunicação na escola me indicavam que havia algo muito valioso a ser pesquisado e compreendido em outra área. Tendo participado como palestrante de encontros realizados em escolas pelo programa “Quem lê jornal sabe mais”², também do Globo, coordenado pela professora Carmen Lozza, pude perceber o quanto professores e instituições de ensino estavam, em muitas ocasiões, longe de fazer um uso ordenado e efetivo das mídias dentro dos colégios, o que, de certa forma, me afligia. Minha impressão era de

¹ RPG é a sigla de *Roleplaying Game*, “jogo de representação” que exige a leitura de um livro de regras cuja publicação tem conquistado espaços cada vez mais significativos no mercado editorial. Uma ideia que começou nos EUA no início dos anos 70. Os livros onde constam as regras são, em geral, bastante volumosos e trazem também descrições de mundos fantásticos e orientações detalhadas para uma aventura, que poderíamos chamar de virtual. Os atores dessa aventura são o mestre e os jogadores, usualmente chamados de *players*. (Pavão, 2000)

² O “Quem lê jornal sabe mais” foi um programa de jornal-educação da Infoglobo, empresa que publica os jornais Globo, Extra e Expresso, bem como os sites do Globo e do Extra, que atendia a escolas públicas e particulares (segundo segmento do Ensino Fundamental e Ensino Médio) de todo o Grande Rio. O Programa existiu por quase 30 anos, permitindo a possibilidade da leitura diária do jornal, análise aprofundada de seu conteúdo, ampliação do conhecimento por meio da informação e estimulando, por parte dos jovens, a prática de atitudes cidadãs. Fonte: site do jornal O Globo. Acesso em 12/02/2011

que as escolas jogavam essa responsabilidade para os professores que, por sua vez, não tinham uma formação adequada para assumir essa tarefa. Parecia, ao meu ver, que o jornal era utilizado de forma descontínua, somente quando seu conteúdo estava diretamente ligado ao conteúdo das disciplinas, como uma espécie de bengala, e não em todas as suas possibilidades e de uma maneira mais consciente.

Darnton (2010) habilmente conclui que, por ter sido jornalista na juventude e por ter aprendido a produzir notícias, hoje é alguém que desconfia de jornais como fonte de informação. Ele próprio se diz surpreso com historiadores que utilizam esse material como fonte primária para tentar descobrir o que aconteceu. Os jornais deveriam ser lidos em busca de informações a respeito de como os acontecimentos eram interpretados pelas pessoas de uma determinada época, no lugar de serem considerados fontes confiáveis dos acontecimentos em si.

Eu argumentaria que notícias sempre foram um artefato, e nunca corresponderam exatamente ao que realmente aconteceu. Encaramos a primeira página do jornal de hoje como um espelho dos acontecimentos de ontem, mas ela é, literalmente, um diagrama montado no início da noite anterior por diagramadores que montaram a primeira página seguindo convenções arbitrárias (...) O design tipográfico orienta o leitor e molda o sentido das notícias. (...) Notícias não são o que aconteceu, mas uma história sobre o que aconteceu (Darnton, 2010, p 42)

A fala do autor é um exemplo de como é importante existir uma educação para a mídia, no sentido de que tão importante quanto ler jornais, nesse caso, é também **aprender a ler** esses periódicos. Aprender a ler exige um rigor crítico, uma maneira de se relacionar com a mídia que demanda uma formação própria, não apenas aquela desinteressada de quem compra, tem assinatura do jornal ou acessa sites de notícia e lê o que lhe é ofertado, mas que também reflete sobre aquilo que lê.

Desta forma, um novo objeto de estudo passou a ser desenhado. Minhas atenções se voltaram para a formação de professores - de modo a me aproximar dos estudos desenvolvidos pelo INFOC, que muito poderiam contribuir para esta pesquisa - e a relação desses futuros docentes com jornais e sites de notícia, o que me daria, novamente, a oportunidade de trabalhar com a mídia, meu campo de origem, do qual sou muito próxima, uma vez que exerci a atividade jornalística por dez anos, em redações de TV, revistas e, principalmente, de jornais e sites de notícia. Pensar na

formação de professores para um uso de qualidade da mídia em suas escolas parece estar na ordem do dia.

Para Fantin (2006), estamos sendo educados por imagens e sons e muitos outros meios provindos da cultura das mídias, o que torna os meios de comunicação também protagonistas dos processos culturais e educativos, e a escola precisa redimensionar tais potencialidades. Afinal, as mídias não só asseguram formas de socialização e transmissão simbólica, mas também participam como elementos importantes da nossa prática sócio-cultural na construção de significados da nossa inteligibilidade do mundo. *“Apesar destas mediações culturais ocorrerem de qualquer maneira, tal fato implica a necessidade de mediações pedagógicas”* (p. 27). Ainda segundo a autora, no momento em que são discutidos os currículos dos cursos de Pedagogia ou de outras formações de professores, é fundamental que a mídia-educação esteja presente, a fim de estar contemplada na formação inicial desses profissionais, sobretudo no que diz respeito a um conhecimento social e pedagogicamente crítico, instrumental e produtivo sobre as múltiplas linguagens das artes, das mídias e sobre as tecnologias de informação e comunicação.

Pensando na melhor forma de compreender de que forma a mídia é vista e consumida por professores em formação e perceber se nesse momento eles são preparados para, na futura docência, utilizá-la de maneira eficaz com seus alunos, decidi fazer um estudo de base quantitativa, dialogando com uma estratégia metodológica qualitativa. Assim, poderia construir um banco de dados que me daria respostas a questões como: o que esses futuros professores leem, em termos de jornais e sites de notícia; por que se interessam por determinadas notícias e não por outras; de que forma têm acesso a esse material; que importância dão a ele, tanto na esfera pessoal quanto na profissional; como é sua relação com outros meios de comunicação, como TV, rádio e revistas. Além disso, e o que me parecia mais importante, desenvolver e aplicar um questionário a um número considerável de futuros docentes poderia me dar outra dimensão sobre a maneira pela qual as escolas onde hoje estudam esses jovens tratam a mídia. Assim, poderia também investigar se a formação dos futuros docentes já os prepara para serem professores que atuarão no

desenvolvimento da capacidade crítica de seus alunos e para que eles mesmos possam lidar com um mundo de informações aos quais todos estamos expostos.

Desta forma, esta tese está dividida em cinco capítulos. **No capítulo 1**, trago as considerações de Roger Chartier acerca das práticas de leitura, dando ênfase ao que o autor classifica como “revolução digital”. Outros teóricos dos campos da leitura e da mídia, como Alberto Manguel, Robert Darnton, Asa Briggs, Peter Burke e Beatriz Sarlo, são também trazidos nesse primeiro capítulo, como contraponto e até mesmo complemento às teorias desenvolvidas por Chartier. Há também uma compilação de pesquisas internacionais que tratam das relações entre jovens e mídia. Ao final desse capítulo, alinho as reflexões expostas na construção do objeto da tese com a forma por meio da qual elas contribuem para o estudo das preferências de jovens que estão cursando o Ensino Médio Normal.

No capítulo 2, são apresentadas as estratégias metodológicas utilizadas na pesquisa de campo: a escolha das escolas em que foram aplicados os questionários, um breve perfil de suas localidades, a opção por entrevistas semi-estruturadas antes da aplicação do questionário e de que forma foi construído esse instrumento de pesquisa.

No capítulo 3, trato dos resultados mais gerais obtidos a partir da aplicação dos questionários, como dados sócio-econômicos dos estudantes pesquisados, suas aspirações profissionais – a vontade de fazer vestibular e cursar uma graduação e o desejo de se tornar professor –, seu acesso aos principais meios de comunicação, quais são suas preferências em relação à mídia – a que programas assistem, que jornais, revistas e sites leem – e de que forma pais, amigos e escola poderiam ter algum tipo de participação nas escolhas que esses jovens fazem sobre a mídia.

No capítulo 4, encontram-se os resultados obtidos através das questões abertas dos questionários, sobre uma possível adequação ou inadequação dos jornais e sites de notícia para os jovens, na opinião dos alunos pesquisados, de que modo percebem as diferenças entre as notícias veiculadas por diferentes meios, a confiança que depositam em cada um deles, entre outros.

No capítulo 5, são analisadas as semelhanças e diferenças entre as escolas pesquisadas, tanto em questões sócio-econômicas, quanto sobre o que os próprios

jovens dizem a respeito dos usos que seus colégios fazem da mídia, especialmente jornais e sites de notícia.

Desta forma, pretendo contribuir não só para o desenvolvimento de um campo mais recente, que é o da mídia-educação, mas também com a questão da formação dos professores, pois sabemos que não há como pensar nesses dois temas separadamente. Imaginar a mídia dentro da escola é também pensar em professores preparados para lidar com ela.